

**OS DISCURSOS QUE ATRAVESSAM OS ESTUDANTES FREQUENTADORES DO
RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UFS**

***THE DISCUSSIONS THROUGH THE FREQUENTING STUDENTS OF THE UFS
UNIVERSITY RESTAURANT***

Alessandra dos Santos Vieira¹

Resumo: A ideologia nos dá a ilusão de sermos a origem do que dizemos e fazemos. Segundo os pressupostos da Análise de discurso, ao sermos interpelados ideologicamente nos tornamos sujeitos assujeitados, inconscientes ao que nos rodeia e por isso mesmo passamos por dois tipos de esquecimento: o esquecimento ideológico e o esquecimento da enunciação. Dessa forma, esse artigo pretende analisar os tipos de discursos que circulam nos corredores do restaurante da UFS, atravessam e interpelam os estudantes. Pendurados por cordão e em formas de plaquinhas, os enunciados estão normatizando e administrando os sujeitos que freqüentam aquele espaço.

Palavras-chave: Sujeito; tipos de discurso; gerenciamento.

Abstract: Ideology gives us the illusion that we are the source of what we say and do. According to the presuppositions of discourse analysis, when we are questioned ideologically we become subject subjects, unconscious to our surroundings and for this reason we go through two types of forgetfulness: ideological forgetfulness and forgetfulness of enunciation. Thus, this article intends to analyze the types of speeches that circulate in the corridors of the UFS restaurant, cross and question the students. Hanging by cord and in plaque forms, the statements are regulating and administering the subjects that frequent that space.

Keywords: Subject; types of speech; management

Introdução

Pensar a sociedade é nos remetermos a nós mesmos. Somos constituídos na linguagem, trazidos para a materialidade, o acontecimento. Se a língua proposta por Saussure é um sistema de regras onde há a arbitrariedade do signo, pela qual o indivíduo não é livre para fazer mudanças na língua, alterar a ordem das coisas, ou seja, amanhecer em um belo dia e achar que a cadeira agora deve se chamar mesa. Dessa forma podemos ver que já há algo constituído, impossível de ser mudado, embora a

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: axandrapop@gmail.com

língua passe pela diacronia, uma evolução no tempo onde algumas palavras passam a existir e outras a inexistir.

O homem de fato é o sujeito mais importante da história, ele está afetado por ela, sendo constituído em cada época, porém a sincronia proposta por Saussure que não se dissocia da diacronia, ela não muda, continua estática. Há uma ordem a ser seguida e como toda ordem, não se pode, por exemplo, conceber que o substantivo venha antes de um artigo, pois isso fere a eloquência da língua. Assim trago a Análise de discurso como embate nessa discussão a qual dei início. De fato somos indivíduos interpelados em sujeitos pela ideologia, por aquilo que nos é imposto. Há um controle social conforme preconiza os pressupostos da Análise de discurso, doravante AD. Há um sujeito inconsciente que nos atravessa, o qual interessa a AD. Somos o tempo todo sujeitos constituídos na regulação, seja aquela imposta pelos aparelhos de estados, ou aquela imposta por nós mesmos, quando escolhemos as palavras que queremos dizer para cada discurso falado. Há uma interdição para aquilo que pode e não pode ser dito. Em suas facetas, o indivíduo assume novas identidades de acordos com as suas necessidades.

A AD trabalha com aquilo que não está óbvio na linguagem - vai além do que está posto. O analista do discurso se atenta àquilo que causa estranhamento, e é nisso que ele vai se apegar, se apropriando da materialidade discursiva para produzir sentidos, pois cada analista tem o seu próprio olhar sobre determinado objeto. É nesse ínterim que trago aqui as discursividades presentes nas placas dispostas nos corredores que estão do lado de fora do restaurante da UFS. Há uma disciplinarização que se inicia fora do restaurante, com a premissa de “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário).

1. O método na AD e análise das placas

Antes de analisarmos a discursividade presente nas placas penduradas, vamos permear por uma área que todo trabalho demanda: o método. Na AD, a coleta e a análise são feitas dentro de um modelo qualitativo e não quantitativo, a mesma não se encaixa no modelo galileano da ciência. Trabalhamos com o que é singular e não pode ser quantificado. Segundo Orlandi (2015, p. 64): “O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico de um discurso concreto, em um objeto teórico [...]”. Nesse sentido, o método na AD propõe um

deslocamento. É preciso que haja estranhamento. E é pensando nesse estranhamento que trago a análise do quadro seguinte:

Figura 1: SD1

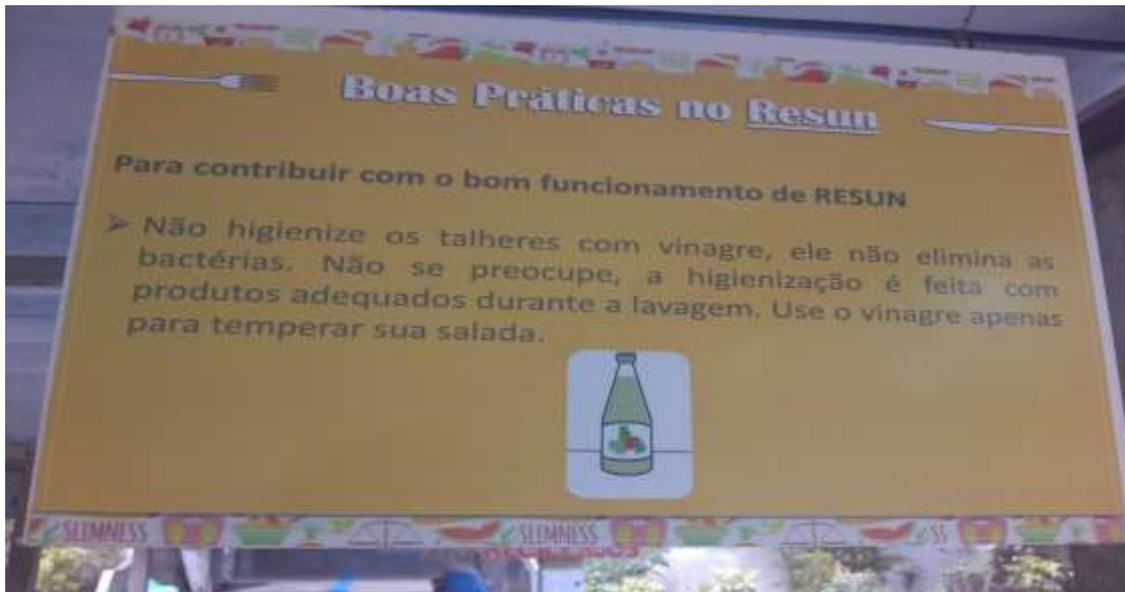


Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Analisando o enunciado desse cartaz nos faz entender que levar comida para casa contribui como mau funcionamento do RESUN, pois, segundo os pressupostos da Análise de Discurso, o dizer tem relação com o não dizer, pois quando declaramos algo, estamos ao mesmo tempo silenciando algo. Se existe o “bom” funcionamento é porque existe também o “mau” funcionamento. Assim, Segundo Orlandi (2015, p. 80) “Se digo “deixei de fumar”, o pressuposto é que fumava antes, ou seja, não posso dizer “deixei de fumar” se não fumava antes. O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente)

Há uma regulação norteando o cartaz, a discursividade de advertência, ordem! Há uma *emotion* utilizado nas redes sociais que significa estar muito zangado com algo. A mensagem é clara, não há meio termo. Vai além das palavras, ou seja, mesmo que você não como toda a sua comida, não é permitido que se leve para casa.

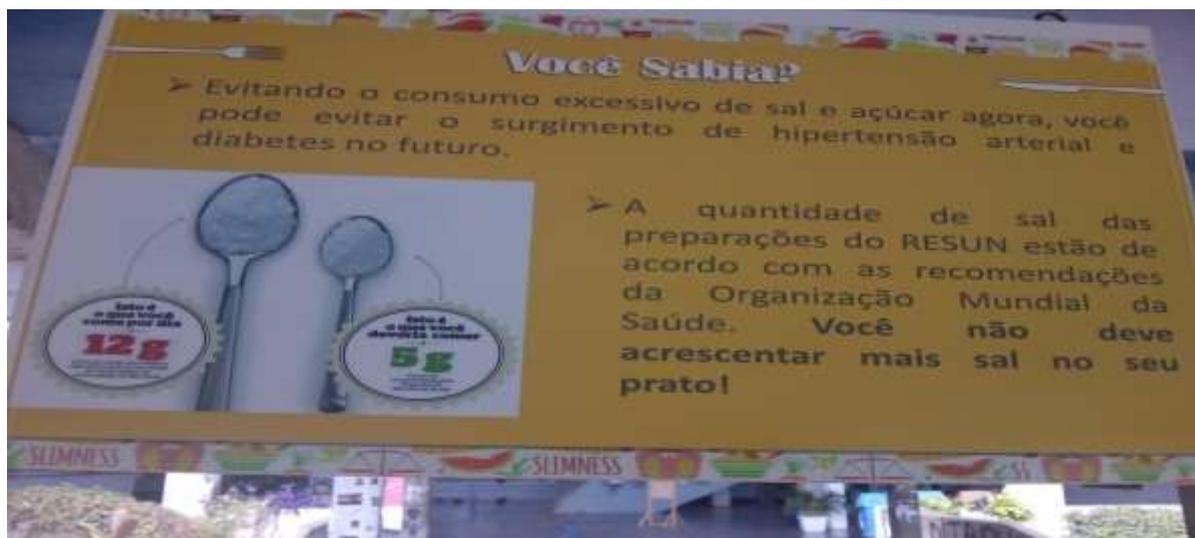
Figura 2: SD2



Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Nessa sequência, observamos um discurso médico, que orienta a não higienização dos talheres por uso de vinagre. Mas de onde vem esse discurso? Há um conhecimento popular de que talvez pelo vinagre possuir álcool, esse é possível de eliminar bactérias. Pensando mais uma vez na AD, passamos pelo esquecimento ideológico, aquele que nos dá a ilusão de sermos a origem do que dizemos. Quando analisamos a sequência “Use o vinagre apenas para temperar salada”, passaremos então para a ambiguidade de sentido, onde a língua está propensa ao equívoco, a falhas. O vinagre só serve para temperar saladas? E no cozimento de carnes, não? Esse “apenas” delimita, deixa furos. Os estudantes estão de fato preocupados com a higienização dos talheres? Por quê? O que leva algumas pessoas a lavarem seus talheres com vinagre? Será que a gestão e o modo como os funcionários se portam não transmitem essa segurança de higienização, organização?

Figura 3: SD3



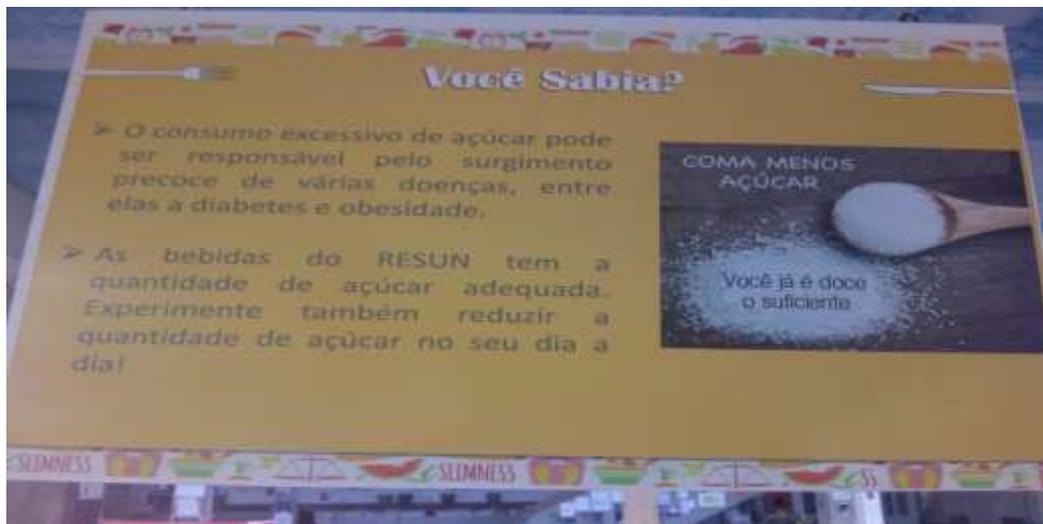
Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Analisando essa sequência, podemos notar dois tipos de discurso que atravessam os estudantes: o discurso nutricionista e o discurso médico. Numa sociedade onde o índice de diabetes e pressão alta é preocupante, nos chamam a atenção as notas desse enunciado. Já fora dito aqui que todo dizer é ao mesmo tempo um não dizer, que algo que está posto, automaticamente esconde, silencia o não dito. Subtende-se assim que se há esses dizeres, é porque houve discursos avessos a ideia da quantidade de açúcar disposto nas bebidas do Resun. Há uma quantidade controlada, regulada. Nem doce, nem amargo. Essa é a quantidade estabelecida pela Organização Mundial da Saúde. Há um discurso nutricionista que regula a quantidade de açúcar que devemos comer. É nesse sentido que a AD vai questionar como o texto significa, para ela é preciso uma análise do objeto em questão. A sequência “Você não deve acrescentar mais sal no seu prato” implica dizer que há alguém que ultrapassa os limites regulados pela OMS. (Organização Mundial da Saúde). Talvez um sujeito que leve o seu próprio sal de casa para acrescentar nos pratos. O modo como essa sequência está posto, em negrito, nos interpelando, nos conscientizando que comer menos açúcar nos dará a possibilidade de evitar doenças e viver melhor no futuro.

O enunciado da placa nos mostra ainda a quantidade que devemos comer e a quantidade que comemos de fato. Haroche (1991, p. 81) aborda os textos que querem aproximar a matemática do social, desse modo, a autora pontua que esses textos “têm por finalidade um “amor ao Estado” que se via estreitamente associado a uma tentativa de

controle (e mesmo, até certo ponto, de matematização)”. É na linguagem que de fato se dar esse acontecimento e o sujeito é um ser inserido nela. Esse sujeito que se assujeita, está em lugar de dominação, submissão.

Figura 4: SD4



Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Fazendo uma comparação entre a SD3 e a SD4, podemos notar que os tipos de discurso se mantêm. Há a prevalência do discurso médico e o discurso nutricionista, porém com uma pitada de humor. A apelação do cartaz “Coma menos açúcar” e os dizeres: “Você já é doce suficiente” nos faz refletir que comemos açúcar além da conta, do normal que está estabelecido. A linguagem disposta na placa, apontando que já somos doces o suficiente, retoma a língua como polissêmica, visto que “doce” se apresenta como sinônimo de amor – “Você é um amor de pessoa”. Há aqui uma ruptura quando comparamos as duas frases. No geral o ser humano é carente de amor, ele precisa desse sentimento para fazer interação com o outro. E quanto mais amor, melhores serão as relações sociais segundo os psicólogos. A língua, como está propensa ao equívoco, não sendo homogênea, quebra essa linha reflexiva. O enunciado nos diz que somos doces o suficiente, que não precisamos de açúcar.

Segundo Pêcheux (2002, p.53),

[...] Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se desloca discursivamente de seu sentido para derivar para outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como

uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.

É nessa discursividade que a AD trabalha. Ela perpassa para além do que está posto, ela busca significar, dar sentidos, trazer reflexões. Não há estaticidade na língua.

Figura: SD5



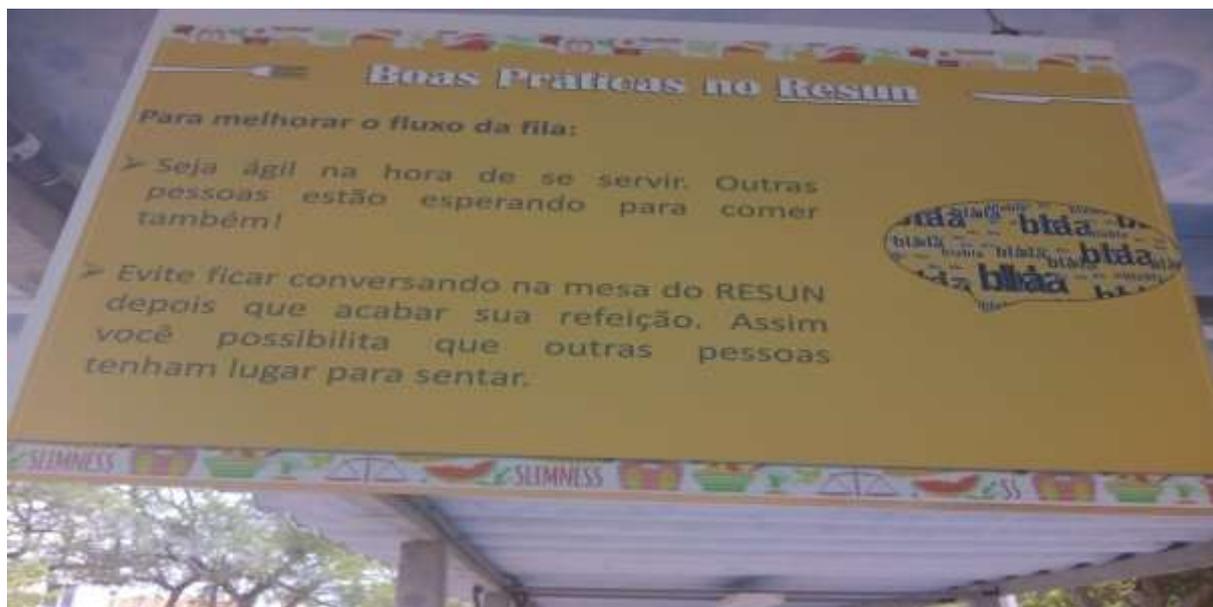
Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Observando o enunciado acima informando o motivo da escolha do restaurante em ofertar o arroz integral bem como o pão integral nos remete a refletir sobre a variedade de cardápio no restaurante. Não são os estudantes que escolhem os alimentos que desejam comer, é algo imposto e para tanto já se dão os motivos das tais ofertas. Há novamente um discurso nutricionista e o controle da glicemia no nosso sangue. Quase todos os alimentos que comemos se transformam em açúcar, e já sabemos que o mesmo não é bom para a nossa saúde. O texto na placa nos informa que o pão e o arroz integral são capazes de regular e controlar o açúcar no sangue. “Por isso, escolhemos ofertá-los”. Essa é a explicação. Não importam se os estudantes preferem arroz branco, pão francês, alimentos provavelmente costumeiros no seu dia-a-dia. A cada semestre os estudantes respondem a um questionário proposto pelo restaurante em relação à satisfação de oferta dos alimentos no RESUN. As perguntas são norteadas em relação à quantidade de sal e

açúcar dos alimentos, a oferta de alimentos integrais, bem como a temperatura dos mesmos, entre outras. Muitos estudantes reclamam que preferem o arroz branco e o pão francês. Nesse ínterim, para você que está lendo esse enunciado: “por isso, escolhemos ofertá-los” é uma resposta ao posicionamento dos estudantes nos questionários em relação às suas preferências. E a isso você leitor não teve acesso.

Segundo Guilhaumou et al (2012, p. 237), é no interior da abordagem descritiva que a Análise de Discurso constitui seu referente. Há uma preocupação nessa direção em apontar um sentido inédito ao descrever os enunciados, algo que vai além das abordagens clássicas do historiador. Destacar então esse movimento que não está posto no cartaz traz um sentido mais voltado pela opção na oferta de alimentos integrais. É algo que não está dado, não está no texto, mas o papel do analista é ir além da interpretação, e não se ater apenas a descrição de fatos. A AD trabalha com os deslizamentos, aquilo que escapa, que produz sentidos.

Figura 6: SD6

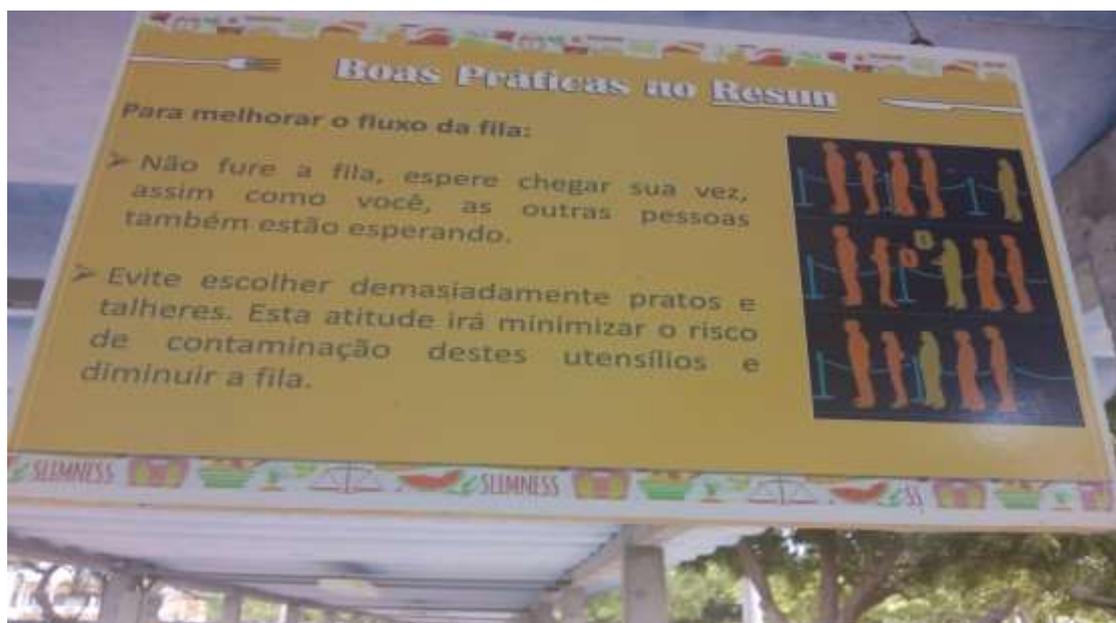


Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Nesse enunciado nota-se a predominância de um discurso administrativo, regulamentador. Há a advertência para se pensar no próximo e não ficar de conversa fiada após as refeições, pois é preciso que as outras pessoas também possam sentar-se. Há uma temporalidade demarcada nesse enunciado, apontado a agilidade, a mecanicidade. Uma conversa em meio a uma mesa distrai, causa risadas – a refeição nos

proporciona um momento de lazer, relaxamento, descontração, mas nesse ambiente não. Há uma interdição da fala. Há uma mecanicidade operando no sujeito. Os dizeres nos chamam a atenção, não somente pelos verbos imperativos que operam o sentido, a ordem, mas pelo balãozinho que contém o “blá blá blá”. Na Grécia antiga a expressão original era “bar”, fazendo alusão ao termo ‘bárbaro’. Significava, portanto, barulhos imperceptíveis. Não obstante, podemos nos reportar para as revistas em quadrinhos de Maurício de Souza, ou seja, na sua coletânea “A turma da Mônica”. O blá blá blá no geral significa jogar conversa fora, não há algo importante e necessário a ser dito. Há uma memória discursiva que remonta essa ideia. O esquecimento ideológico, o qual trata a AD está operando, pois já se sabe que a ideologia nos constitui pela interpelação. Nesse sentido, parece que o dizer é algo objetivo, direto e o “blá blá blá” é uma conversa sem importância, urgência, necessidade. Parece então se referir a uma perda de tempo. E esse espaço tão regulamentador exige temporalidade, agilidade e disciplina, portanto, não é o meio para se jogar conversa fora.

Figura 7: SD7



Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Semelhante à SD6, essa sequência discursiva também trata da temporalidade. No entanto, ao contrário do cartaz anterior, aqui não se precisa ter pressa. Subtende-se que furar a fila é ter pressa para almoçar, mas aqui podemos perceber outro tipo de regulação em relação ao tempo. Não precisa ter pressa, é necessário que se aguarde a sua vez. A

agilidade nessa hora não está em funcionamento, mas o respeito àquele que está aguardando. O furar fila vai além da falta de respeito com o próximo, afeta a nossa integridade moral. Segundo o dicionário Aurélio, corrupção significa “modificação, adulteração das características originais de algo. Se há fila, é porque existe uma ordem a ser seguida. Quando os estudantes ferem essa premissa, eles também estão aderindo a corrupção – termo esse comumente usado ao sujeito político. A uma memória discursiva de que o Brasil é um país corrupto, mas o Brasil não é um ser vivo, é uma nação. As pessoas que o compõem, essas sim podem ser tidas como corruptas. Quando ouvimos essa expressão em relação ao Brasil, semanticamente isso causa sentido para nós, sabemos que formamos o Brasil. O enunciado não está formulado da maneira “correta”, conforme preconiza a Gramática Normativa. Segundo Fiorin (2015, p.17):

A linguagem é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e eles ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de nascer do sol. Sabemos que do ponto científico não existe nascer do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do sol.

Dessa forma, o conceito do Brasil ser um país corrupto faz parte da linguagem, determinando uma realidade que opera em nós. A faceta da AD é esse deslizamento dos sentidos, indo além do que está apostado, permeando em uma análise por vários caminhos. O mesmo enunciado produz duas diretrizes- o primeiro parágrafo regula a fila, onde não se precisa ter pressa, e o segundo aponta para um discurso médico, onde a escolha excessiva pode contaminar os utensílios.

Figura 8: SD8



Fonte: “Boas práticas no RESUN” (Restaurante Universitário)

Fazendo um contraponto com os enunciados anteriores que trata da temporalidade, agilidade, esse enunciado vem fazer um embate com o discurso regulador. A todo o momento os estudantes são interpelados a serem rápidos nas escolhas dos alimentos, no tempo gasto nas mesas quando estão fazendo suas refeições, a evitar conversar com os funcionários para acelerar o tempo de atendimento, porém nesse enunciado, tudo o que o estudante quer é não perder tempo levando os talheres que caem no chão ao local de recolhimento das cubas. Há uma distância entre um e outro. Depois de aguardar uma fila enorme, e supondo aqui que essa pessoa não furou fila, tudo que ela mais quer nesse momento é poder fazer enfim a sua refeição. Se deslocar da fila para levar o talher que caiu ao local indicado, atrasará de fato o percurso desse estudante. Ele terá que ao retornar, pedir licença para poder ocupar o seu lugar na fila. Essa gestão não funciona. São poucas as pessoas que vão se deslocar para depositarem seus talheres nas cubas, locais específicos para colocar os pratos sujos. Muitos apanham os talheres e deixam ali em cima, perto do vasilhame onde os mesmos estão dispostos. Talvez se o estabelecimento colasse um vasilhame a parte para recolhida desse material que cai, surtiria mais efeito.

Segundo Orlandi (2015, p.23), “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria,

face as suas (outras) questões [...]. Segundo a autora, cada analista tem a sua formulação e isso vai gerar diferentes recortes conceituais.

2. Considerações Finais

A análise desse artigo nos proporcionou observar os tipos de discursos que circulam e atravessam a vida dos estudantes frequentadores do RESUN. Por meio das análises feitas, vimos que há uma predominância do discurso nutricionista e médico nos enunciados propostos. Muito mais do que os tipos de discursos apontados, podemos ver que há uma regulamentação do sujeito, normatizando, administrando, tentando inseri-los nos padrões ideológicos do restaurante. Sabendo que a Análise de Discurso não tem um caminho a ser seguido, pois sua premissa é tratar a materialidade para interpretá-la, resignificando os sentidos produzidos, pois para a AD não há sentido sem interpretação. Dessa forma o “sentido é uma relação determinada do sujeito- afetado pela língua – com a história”. (ORLANDI, 2015, p.45).

Segundo Orlandi (2015), uma das premissas da linguagem é a incompletude, pois nem sujeitos nem sentidos estão prontos. Dessa forma, permear por cada cartaz nos evidencia que os sentidos ali não estão completos, há sempre um olhar por trás dos enunciados, outro tipo de tratamento, outro direcionamento, novos deslizos. O que está posto aponta para algo que não está evidente, nesse sentido é preciso que haja um estranhamento. E é justamente nisso que a AD se apoia. Há uma necessidade de se problematizar as maneiras de ler e para isso, temos que interpretar, refletir sobre aquilo que está a nossa volta, nos rodeia. Como meros seres ingênuos, somos tomados pela ideologia, posto em um sistema que já está determinado, regido por leis e maneiras de se fazer e dizer. É preciso se afastar do objeto para melhor compreendê-lo. Aqui deixo uma reflexão: Seria possível a inexistência dos cartazes se todos os estudantes seguissem o que está regulado em cada enunciado? Sim, seria possível. Porém quando tentamos fugir ao que nos é imposto, ao que se espera, haverá uma regulamentação. Assim é a sociedade, regida por normas e regras. Por isso que não temos como fugir da ideologia, somos constituídos nela, trazemos à tona aquilo que rompe.

Referências

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer querer dizer**. Editora Hucitec, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.

GUILHAUMOU, Jacques et al. **Discurso e Arquivo**: Experimentações em Análise de discurso. Editora da Unicamp, 2016.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, São Paulo. Editora Pontes, 2002.

Recebido em: 10 de janeiro de 2019
Aceito em: 05 de junho de 2019
Publicado em: junho de 2019